

Nova escada rolante do desenvolvimento

Indústria não é mais única via para desenvolvimento; produção agroflorestal moderna também pode desempenhar esse papel

Por Salo Coslovsky

Salo Coslovsky é professor na Universidade de Nova York e pesquisador do Projeto Amazônia 2030



Quebra do cacau no campo / Tiago Queiroz

Em muitas partes da Amazônia e do Brasil, persiste a crença de que as atividades rurais são pouco desejáveis pois não agregam muito valor nem criam riqueza generalizada. "São commodities", dizem os críticos, usando um termo neutro como se fosse pejorativo. Em contraste, veneram a indústria de transformação, como se ela fosse a única boia de salvação disponível ou viável.

Essa visão se consolidou ao longo do século 20, quando grande parte da agricultura mantinha contornos tradicionais, produzindo bens rústicos para consumo local ou subsistência. Naquela época, a indústria de transformação era realmente diferente e merecia atenção.

Primeiro, suas tecnologias eram codificáveis e facilmente transferíveis, seja através de máquinas importadas, manuais técnicos, ou serviços de consultoria. Graças a esses recursos, países ou regiões mais pobres podiam ganhar acesso a conhecimento avançado e colocá-lo em prática sem grandes complicações.

Segundo, a divisão do trabalho em linhas de produção, com maquinário especializado e tarefas relativamente simples, conduzidas sob vigilância de supervisores, facilitava a absorção de mão de obra. Trabalhadores com pouca escolaridade, incluindo pessoas recém-chegadas do campo, atingiam produtividade comparável a trabalhadores com treinamento mais extenso.

Terceiro, os custos fixos elevados da indústria criavam uma pressão endógena para diluir custos unitários através da expansão. E como muitos produtos manufaturados não são perecíveis, eles podiam ser vendidos em mercados distantes, libertando os produtores dos limites impostos pela demanda local.

Por fim, o comércio internacional era regido por uma colcha de retalhos de tratados, tarifas preferenciais e legislações específicas que criavam oportunidades mesmo para quem não tinha alcançado níveis de excelência global. E em países continentais como o Brasil, o governo ajudava os produtores a vender seus bens aos seus conterrâneos enquanto fechava o mercado à competição global.

Desde então, a indústria de transformação perdeu sua capacidade de agir como escada rolante do desenvolvimento. O crescente uso de automação industrial diminuiu a demanda por trabalhadores menos qualificados, enquanto o acúmulo massivo de capital em um número reduzido de estabelecimentos deu ao setor contornos típicos de enclave. Globalmente, a manufatura emprega cada vez menos gente, gera menos efeitos positivos no seu entorno e se concentra cada vez mais em poucos países, especialmente na Ásia.

Ao mesmo tempo, está cada vez mais claro que as atividades rurais podem desempenhar papel econômico parecido ao que a indústria de transformação teve no passado. Consumidores no mundo inteiro querem produtos frescos o ano inteiro e não apenas durante a safra. Além de alimentos, a agricultura pode oferecer insumos industriais dos mais variados, incluindo substitutos do plástico e da gasolina. Desse modo, a demanda por produtos agroflorestais e agrícolas

tende a crescer a passos largos, incluindo espécies nativas ou bem adaptadas para a região amazônica, como o cacau, açaí, café robusta, pimenta do reino e outras frutas tropicais.

A atividade rural exige tecnologias de ponta, incluindo novas variedades genéticas, melhores técnicas de propagação e manejo, sensoriamento remoto, controles biológicos e consórcio entre espécies. Em muitos casos, a produção agroflorestal pode oferecer benefícios ambientais e cada vez mais esses benefícios ganham valor de mercado.

Muitas das fábricas almeçadas por regiões pobres não têm vínculos estreitos com o território e estão prontas para mudar de endereço assim que recebem um novo incentivo fiscal. Na atividade rural, a situação é diferente, pois muitas das tecnologias precisam ser desenvolvidas ou adaptadas a cada local. Essa característica cria barreiras de entrada, mas também protege aqueles que investiram, criando uma certa rigidez locacional.

Quando eu defendo esse argumento de que as atividades rurais podem ser um novo motor de desenvolvimento, percebo que alguns interlocutores visualizam uma operação bucólica, com atividades conduzidas com cuidado artesanal, onde o produtor está rodeado de flores, pássaros e borboletas. Outros imaginam o oposto, isto é, vastas monoculturas de soja, milho ou cana de açúcar, onde um esquadrão de colheitadoras guiadas por satélite avança sobre clones geneticamente modificados.

Ambas situações existem e têm seu papel. Ao pensar nas áreas já abertas da Amazônia, porém, eu imagino cenário diferente. Penso em pequenas e médias propriedades com consórcios de espécies desenvolvidos e testados pela ciência. Operações intensivas em mão de obra, onde cada trabalhador é assessorado por implementos bem desenhados para diminuir seu esforço e aumentar sua eficiência. A colheita recebe tratamento sofisticado para diminuir custos e atender as características demandadas por clientes exigentes, dispostos a pagar mais. Nessas propriedades rurais, o conhecimento técnico se combina com a experiência local.

O resultado não é um produto genérico com baixo valor de mercado, mas produtos diferenciados que trazem satisfação a quem produz e prosperidade para todos em seu entorno. Já temos exemplos, no Brasil e no mundo, desse fenômeno em ação. É hora de reconhecer que a escada rolante do desenvolvimento mudou de lugar.

Fonte: <https://www.estadao.com.br/economia/salo-coslovsky/nova-escada-rolante-do-desenvolvimento/>